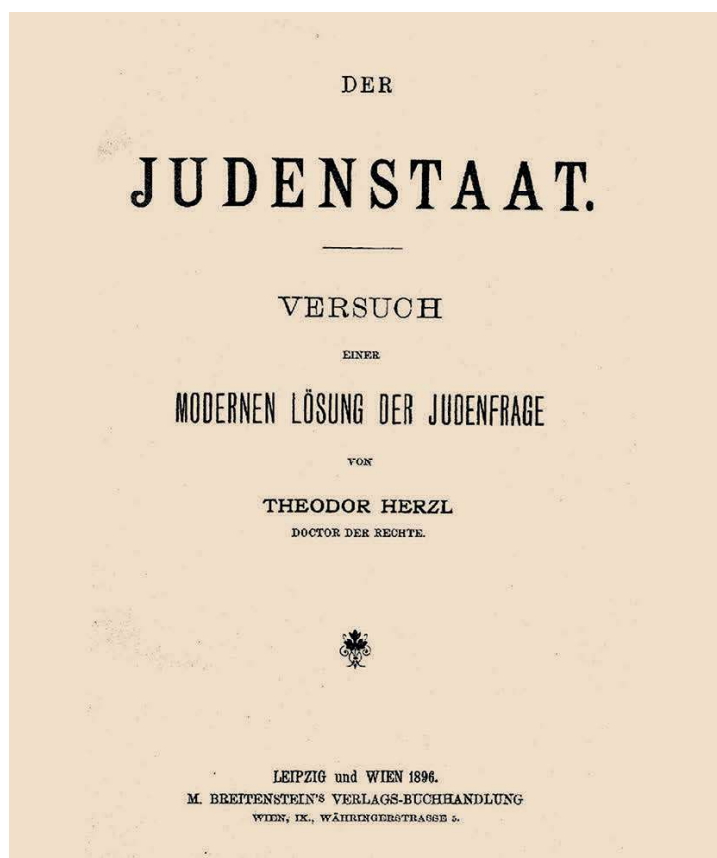


## 2. ASCENSÃO DO SIONISMO

O principal ideólogo e grande impulsionador do sionismo foi o austríaco Theodor Herzl, que fundou a sua teoria na história antiga do povo judeu e no regresso à Terra Prometida.

Em 1897 reuniu em Basileia (Suíça) o I Congresso Sionista, de onde saiu o programa que preconizava a criação de uma pátria judaica, *Eretz Israel*, na Palestina. Foi também criada a Organização Sionista Mundial. E logo em 1900 foi criado o Fundo Nacional Judaico para a aquisição de terras, na Palestina, para serem exploradas por judeus.

A primeira *aliya* (1882-1893), ou vaga de imigração judaica, integrava judeus que fugiam de perseguições na Europa Oriental. Eram em pequeno número — entre 25 000 e 35 000, dos quais só



*Theodor Herzl, um judeu austríaco, publicou, em Fevereiro de 1896, O Estado Judeu: Proposta de uma solução moderna para a questão judaica, que se tornou o texto de referência para o movimento sionista. Herzl preconizava a criação de um Estado judaico independente, na Palestina, como forma de escapar ao anti-semitismo na Europa.*

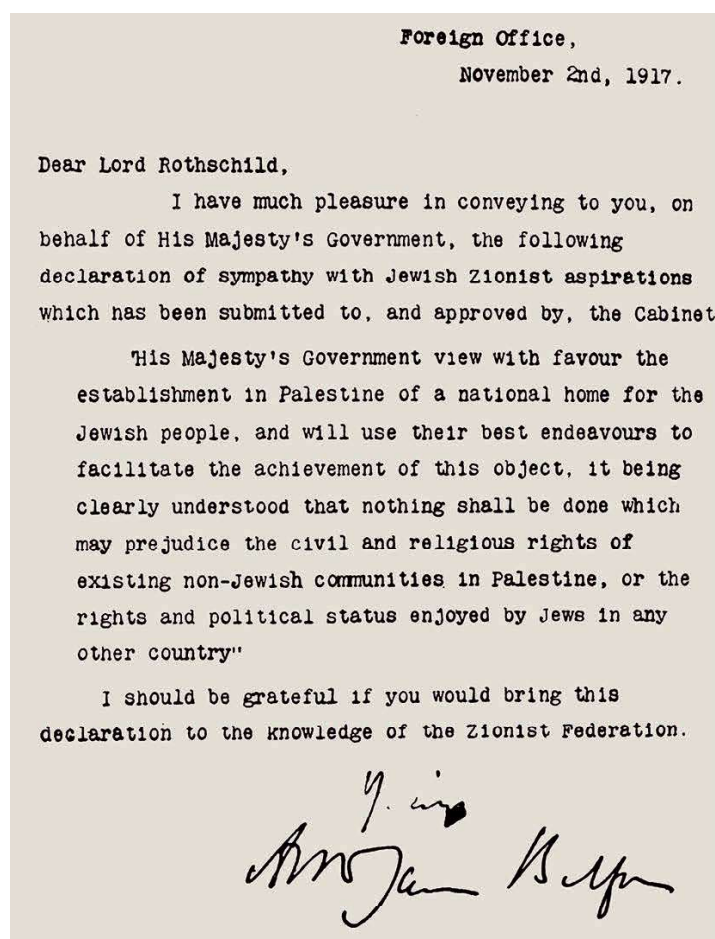
metade ficou — e dedicavam-se à agricultura, pouco se fazendo sentir na população local.

Já a segunda *aliya* (1903-1914) teve maior impacte na vida dos Palestinos, tanto árabes como judeus. Eram cerca de 40 000, principalmente oriundos da Rússia tsarista, e criaram os primeiros kibutztes (herdades colectivas).

Entre 1919 e 1923, uma terceira vaga migratória para a Palestina integrou cerca de 40 000 judeus oriundos da Rússia, Polónia, Roménia e Lituânia.

Entretanto Herzl procurava o apoio de uma grande potência europeia para o seu projecto e encontrou-o na Grã-Bretanha, que viu no projecto sionista um aliado para as suas ambições coloniais no Médio Oriente. O apoio britânico ficou expresso na Declaração Balfour, que abriu as portas da Palestina à imigração judaica, condicionando todos os desenvolvimentos futuros no território.

A Organização Sionista Mundial apresentou à Conferência de Paz de Paris (3 de Fevereiro de 1919) a proposta de um «Grande Israel» que ultrapassava largamente a dimensão da Palestina Histórica.



*Em 2 de Novembro de 1917, Arthur Balfour, ministro britânico dos Negócios Estrangeiros (com o fim de assegurar apoios financeiros para o esforço de guerra) enviou a Lord Rothschild, líder da Comunidade Judaica, uma carta em que declarava: «[...] O Governo de Sua Majestade vê com bons olhos a criação na Palestina de um lar nacional para o povo judeu e envidará todos os seus esforços para viabilizar este objectivo, ficando claramente entendido que nada será feito que prejudique os direitos civis e religiosos das comunidades não judaicas existentes na Palestina [...]».*



*A proposta levada pela Organização Sionista Mundial à Conferência de San Remo pretendia criar a Eretz Israel (Terra de Israel) em toda a Palestina e em territórios que hoje pertencem ao Líbano, à Síria, à Jordânia e ao Egípto. Dirigentes sionistas têm repetidamente afirmado que o Estado de Israel é apenas uma etapa na construção da Eretz Israel.*

Na Conferência de San Remo, que se reuniu entre 19 e 26 de Abril de 1920 para repartir os despojos do Império Otomano entre as potências vencedoras, a Palestina ficou incluída no Mandato Britânico, com a obrigação expressa de ali criar um «Lar Nacional Judaico», conforme assumido na Declaração Balfour.

O sionismo rapidamente se converteu num movimento colonialista e racista, assente numa falsidade histórica: a esmagadora maioria dos judeus que vieram a ocupar a Palestina resulta da conversão relativamente recente de povos que não tiveram qualquer ligação ancestral com a Palestina.

A colonização sionista da Palestina suscitou desde cedo uma oposição universal e multifacetada a tais planos. Curiosamente, algumas das mais precoces rejeições deste intento partiram do campo judaico. Houve rabinos que desacreditaram por completo os propósitos sionistas e os dissociaram peremptoriamente do judaísmo. Não só os judeus árabes, que viviam e eram parte integrante de um conjunto de países de Rabat a Bagdade, condenavam a intenção de estabelecer um Estado judeu importado de ideias coloniais europeias, como os judeus do continente europeu, maioritariamente, se desinteressavam de qualquer aventura na Palestina, preferindo destinos no continente americano.

Contudo, assim que as primeiras colónias se estabeleceram em solo palestino houve uma natural rejeição por parte dos Palestinos, que se estendeu e ecoou pelos países vizinhos. Um dos maiores exemplos foi Izz ad-Din Al-Qassam, um guerrilheiro sírio que cruzou a fronteira para promover acções militares contra o ocupante britânico e o colonizador sionista. A guerrilha rural de Al-Qassam obteve importantes vitórias, e a sua morte em combate em 1935 foi uma semente para a Grande Revolta Palestina, que estalou no ano seguinte e se prolongou até 1939.

A resistência das populações autóctones deu aos sionistas o pretexto para criar «forças de defesa», que vieram a converter-se em organizações terroristas e mais tarde integraram o exército do Estado de Israel.